

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM POSITIVA DO NEGRO: O CINEMA NEGRO COMO FERRAMENTA DE IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03.

Keila Souza de Oliveira¹

Cândida Cespedes Ribeiro²

Resumo

O propósito do presente artigo é levantar pontos que indicam para a compreensão do fenômeno, configurado na convergência percebida nas políticas públicas, de inclusão educacional e a afirmação da construção da imagem positiva do negro. Entendemos que os filmes podem contribuir significativamente para o ensino de história e cultura da África, por sua acessibilidade, diversidade e tipos de informações, mais próximas, compreensíveis e potencialmente mais significativas e interessantes para os alunos. Conhecer as origens é fundamental para a ampliação da consciência social e histórica de uma nação. No início do século XX o negro é representado na cinematografia na maioria das vezes como um personagem caricato. Essa imagem descrita nas chanchadas de caricaturas dos negros possui grande influência na formação da visão que a sociedade brasileira terá sobre o negro. Este é sempre o explorado, o escravo, cativo, pobre e vulnerável. A luta contra o estereótipo da imagem do negro e da sua cultura mostrou esforço especial em favor de uma educação que concorre no sentido da superação do racismo e também de busca de caminhos, onde a africanidade pudesse afirmar a importância da sua cultura. Neste início de século XXI ocorreram diversos avanços no que diz respeito às políticas públicas no Brasil. Talvez, quando se fala das políticas públicas de inclusão no campo da educação aborda-se a necessidade de incluir o grupo étnico racial marginalizado, mas também, recuperar sua imagem positiva deteriorada no impacto da ideologia de superioridade racial do grupo racial hegemônico. É fundamental que se compreenda que a lei não se manifesta apenas no currículo, sua função é o diálogo multicultural. Faz-se necessário desconstruir o que se encontra arraigado em nossa sociedade, essa visão eurocêntrica, que distorce e diminui a participação dos negros na formação de nossa sociedade.

Palavras-chave: Cinema Negro. Políticas Públicas. Lei 10.639/03.

Abstract

The purpose of this article is to raise points that indicate to the understanding of the phenomenon, configured in the perceived convergence in public policies, educational inclusion and affirmation of the positive image of blacks. We believe that movies can make a significant contribution to the teaching of history and culture of Africa, for its accessibility, diversity and types of information, closest, understandable and potentially more significant and interesting to students. Meet the origins is crucial to expanding the social and historical consciousness of a nation. In the early 20th century the black is represented in cinematography for the most part as a stereotypical character. This image described in the caricatures of black's chanchadas has great influence in forming the view that Brazilian society will have on the black. This is always the tapped, the slave, and captive, poor and vulnerable. The fight against the stereotype of the black image and its culture showed special effort in favor of an education that contributes towards the overcoming of racism and to search for paths, where the Africanism could assert the importance of its culture. At the beginning of the 21st century,

1 Licenciada e Bacharel em História pela UFMT, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação do IE - Instituto de Educação da UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso, sob a orientação do Prof. Dr Celso Luiz Prudente. Pesquisadora do GPMSE/UFMT. Pesquisadora da Mostra Internacional do Cinema Negro.

2 Historiadora e Mestranda do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu, Mestrado em Educação (2014-2015) da Universidade Federal de Mato Grosso, Linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Política e Educação Popular, pertencendo ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Relações Raciais e Educação, sob a orientação da Prof.^a Dr^a Cândida Soares da Costa.

there have been several advances with regard to public policies in Brazil. Maybe, when we speak of public policies of inclusion in the field of education discusses the need to include the racial ethnic group marginalized, but also recover your positive image deteriorated on the impact of ideology of racial superiority of the hegemonic racial group. It is essential that you understand that the law does not manifest itself only in the curriculum, its function is the multicultural dialogue. It is necessary to deconstruct what is ingrained in our society, this Eurocentric vision, which distorts and reduces the participation of blacks in the formation of our society.

Keywords: Black Cinema. Public Policies. Law 10,639/03.

O cinema: além de entretenimento uma ferramenta pedagógica

Neste início de século XXI ocorreram diversos avanços no que diz respeito às políticas públicas no Brasil. Talvez, quando se fala das políticas públicas de inclusão no campo da educação aborda-se a necessidade de incluir o grupo étnico racial marginalizado, mas também, recuperar sua imagem positiva deteriorada no impacto da ideologia de superioridade racial do grupo racial hegemônico.

As produções cinematográficas, possivelmente, contribuem significativamente para o ensino de história e cultura da África, devido a sua acessibilidade, diversidade e tipos de informações, mais próximas, compreensíveis e potencialmente mais significativas e interessantes para os alunos.

André Bazin (1991) faz um questionamento muito importante: *O que é o Cinema?* Até a atualidade esta pergunta ainda não se resolveu. Diversos críticos e historiadores vêm tentando respondê-la, colocando o cinema dentro de definições e formulas, no entanto, não há apenas um caminho, como afirma Merten (2010), o cinema encerra em si todos os caminhos. Bazin nos leva a pensar o cinema através de reflexões simples, no entanto numa perspectiva extraordinária.

Não podemos entender o cinema como uma invenção única, é preciso ir além, vê-lo como algo que sofreu diversas transformações e foi fonte de várias pesquisas científicas para projetar imagens em movimento. Como por exemplo, o aperfeiçoamento das técnicas fotográficas, a invenção do primeiro suporte fotográfico flexível (a celuloide), que permitia a passagem por projetores e câmeras e também o melhoramento de técnicas de maior precisão para montar as projeções.

A partir de 1925 a produção cinematográfica brasileira aumenta, juntamente com a qualidade, consolida-se nesse período o cinema mudo. Nas décadas de 1930 e 1940 o cinema falado ganha espaço em produções feitas no Rio de Janeiro, basicamente teremos as chanchadas musicais, como ficaram conhecidas as comédias musicais.

As informações sobre o cinema mudo brasileiro são relativas. Muitos filmes se perderam entre os vários incêndios e a má conservação. A maioria das pesquisas se baseia em jornais e revistas. Quanto à presença do negro, as informações são quase nulas... (DE, 2005, p. 17).

Nos anos 1920 e 1930, segundo Jeferson De (2005) a decupagem, cortes feitos nas cenas para que não aparecessem imagens indesejadas nos filmes, foi utilizada no cinema para produzir certa eugenia racial à brasileira. A passagem abaixo foi publicada na principal revista de cinema do período mudo, Cinearte, e expressa o que parte da crítica pensava sobre a presença de negros nos filmes:

“Quando deixaremos desta mania de mostrar índios, caboclos, negros, bichos e outras “avis raras”“. Desta infeliz terra, aos olhos do espectador cinematográfico? Vamos que por um acaso um destes filmes vá parar no estrangeiro? Além de não ter arte, não haver técnica nelle, deixará o estrangeiro mais convencido do que ele pensa que nós somos: uma terra igual a Angola, ao Congo ou cousa que o valha. Vejam se até tem graça deixarem de filmar as ruas asfaltadas, os jardins, as praças, as obras de arte, etc., para nos apresentarem aos olhos, aqui, um bando de cangaceiros, ali, um mestiço vendendo garapa e um porunga, acolá, um bando de negrões se banhando num rio, e cousas deste jaez. (CINEARTE apud DE 2005, p. 19).

Essa visão marca as produções que serão realizadas a partir do início do século XX período em que predominará as chanchadas no Brasil, onde negro é representado na cinematografia na maioria das vezes como um personagem caricato. Essa imagem caricata descrita nas chanchadas possui grande influência na formação da visão que a sociedade brasileira terá sobre o negro.

Em vários filmes o negro aparece na figuração, na música, na cenografia, formando uma espécie de moldura que envolve toda a representação, mas não está no protagonismo. Este é sempre o explorado, o escravo, cativo, pobre e vulnerável. Esta visão faz com que o próprio negro não se reconheça enquanto agente histórico, fazendo-o querer sempre se “branquear”, pois se é chamado de negro afirma ser moreno descendente de índios, se é chamado de índio se diz descendente de portugueses ou espanhóis, sempre buscando uma raiz branca para se firmar em sociedade.

Temos num primeiro momento o negro em três recortes: aparecendo em filmes históricos como escravo ou rebelde, depois representado na marginalidade urbana (bandido, malandro ou sambista). Por fim, o negro apresentado em sua cultura, seja folclore ou religiosidade. Foco está sempre no estereótipo, arquétipo e caricaturas: pretos velhos, mãe preta, mártir, negro de alma branca, nobre selvagem, negro revoltado, negão, malandro, favelado, crioulo doido, mulata boa, musa, afro-baiano.

De certa forma, essas representações colaboram para a disseminação da ideologia de que o negro está em um patamar muito inferior ao do branco. Essa questão surge no final do século XIX com as políticas para trazer ao Brasil imigrantes europeus, com o objetivo de “branquear” a população que precisa ser “melhorada”. O Brasil pós-abolicionista tem como estratégia a imigração maciça de europeus para remover, segundo vários autores, a “mancha negra” da sociedade brasileira. Nota-se que o negro era uma imagem que não deveria ser mostrada, principalmente fora do cenário nacional, há uma grande preocupação com o “branqueamento” da população brasileira.

Ao observar esses dados torna-se fundamental destacar que os africanos auxiliaram na construção da cultura lusitana, logo, esta tem participação importante na formação cultural do Brasil. Portugal e Espanha se tornaram potências europeias, durante os séculos XV e XVI, também, por influência africana. Vale ressaltar que, a Península Ibérica foi colonizada pelos Mouros, fusão de árabes com africanos que representavam a civilização mais adiantada da época. No entanto, não são os fatos que se destacam na história peninsular, observando a raiz da formação do povo ibérico percebe-se que as bases da formação da sociedade brasileira são duplamente africanas.

Como afirma Prudente (2002) “Pensar a milenar história africana perante a breve história secular brasileira, por exemplo, é um exercício antropológico de difícil realização diante da conjugação

de realidades culturais tão distintas”. Desta forma compreendemos que seria diferente essa visão eurocêntrica do Brasil, se as produções cinematográficas brasileiras do início do século XX tivessem reproduzido uma imagem diferente do negro. Se os negros fossem apresentados como personagens reais individualizados. A África ter recebido o mesmo valor histórico dado à cultura europeia, já que seus conhecimentos científicos e tecnológicos estiveram sempre presentes na história do Brasil.

No entanto, é somente a partir do final da década de 1960 é que o cinema torna-se objeto da historiografia. Com a Nova História Cultural principalmente no final dos anos 1980 o filme deixa de ser reflexo e passa a ser visto como representação, dessa forma, o cinema passa a ser um campo social e um conjunto de práticas que explica o contexto social. Podemos entender que o filme realiza interpretações da sociedade e da história.

As lutas pela construção de uma imagem de afirmação positiva

É notável que o movimento negro enquanto organização sócio-racial de segmentos marginalizados seja uma expressão mais africanizada da ascensão internacional dos movimentos sociais. No caso específico do Brasil a política do nacional desenvolvimentismo na administração de Juscelino Kubitschek abriu brechas para a participação de setores de esquerda no seu governo, no qual cientistas sociais como Celso Furtado e Hélio Jaguaribe criaram o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiro), que pensavam o desenvolvimento com base em uma política econômica voltada para a ampliação da distribuição de renda, desse modo, pensavam um planejamento da economia articulada com interlocução dos movimentos sociais.

A arte ganha expressão na organização do Centro Popular de Cultura – CPC, que era sediado no prédio da União Nacional dos Estudantes – UNE no Rio de Janeiro, com influência do Partido Comunista, movimento cultural que teve a participação dos mais notáveis artistas e intelectuais de tendência marxista da época.

Constata-se que um grupo de jovens mais voltados para a discussão da realidade brasileira, por meio do cinema, passou a entender nas ações do CPC (Centro Popular de Cultura) um posicionamento populista e dirigista rompendo com o grupo; os jovens criaram a raiz do Cinema Novo realizando o manifesto que nasceu da crítica dos grandes estúdios, representantes do imperialismo americano. Realizaram filmes colocando o negro como expressão da imagem da pobreza brasileira, dando-lhe o protagonismo transformador do cinema. Segundo Prudente (2005), Glauber Rocha viu no negro empobrecido a principal referência da imagética do proletariado:

“A imagem da pobreza e do pobre são representadas, predominantemente, pela figura do negro no cinema novo, posição com a qual a juventude negra se identifica, pois via sua realidade discutida no cinema como, por exemplo, no filme Barravento. Aliás, é possível dizer que o ideólogo do cinema novo via no negro a configuração da imagem do povo. (PRUDENTE, 2005 apud REVISTA PALMARES, 2005, p. 69).

A luta contra o estereótipo da imagem do negro e da sua cultura mostrou esforço especial em favor de uma educação que concorre no sentido da superação do racismo e também de busca de

caminhos, onde a africanidade pudesse afirmar a importância da sua cultura. Abordagem que sugere discernimento na questão da presença positiva do negro no espaço universitário brasileiro, construído nas políticas públicas, em demanda de conquista indicando a educação inclusiva e a urgência da reconstrução da imagem de afirmação positiva do negro e sua cultura. Conhecer as origens é fundamental para a ampliação da consciência social e histórica de uma nação.

Os caminhos para a implementação da Lei 10.639/03

Podemos entender que a Lei 10.639/03, ainda não alcançou seus objetivos, é importante destacar que um período de dez anos deve ser considerado curto, já que leis geralmente demoram várias décadas para se implantarem, mas há pontualmente, exemplos de iniciativas individuais ou de grupos menores, que não atingem a uma quantidade expressiva dentro das universidades.

Um dos fatores que mais atravança essa lei é o mito da democracia racial, ou seja, a crença de uma convivência pacífica das etnias, e que todos teriam chances iguais individualmente de sucesso. É preciso ter sensibilidade acerca de preconceitos disseminados nas instituições de ensino e na crença de que negros, indígenas e brancos dividem democraticamente seu papel na construção da sociedade brasileira, negando, assim, todo um período histórico marcado pela escravidão.

Segundo Boni (2007), o mito da democracia racial é um dos principais entraves no processo de implantação da Lei 10.639/03.

“Mesmo admitindo o racismo e o preconceito no cotidiano da escola através das relações sociais, a aplicação da lei não é vista como importante por alguns professores por acreditarem no mito da democracia racial, que iguala a todos para apagar as diferenças, criando uma pseudo harmonia entre os atores sociais”. (Boni, 2007, p.04).

É fundamental que se compreenda que a lei não se manifesta apenas no currículo, sua função é o diálogo multicultural. Faz-se necessário desconstruir o que se encontra arraigado em nossa sociedade, essa visão eurocêntrica, que distorce e diminui a participação dos negros na formação de nossa sociedade.

Em nosso dia-a-dia encontramos várias marcas da cultura africana, mas não nos damos conta, por não atribuir-lhe o devido valor. Temos como exemplo, além das danças e comidas, a construção de nosso idioma, traços no desenvolvimento da engenharia hidráulica, entre outros aspectos. É importante que se reconstrua a imagem do negro de maneira digna e positiva, neste contexto é que podemos inserir o cinema como ferramenta pedagógica.

A aplicação da Lei 10.639/03 com o uso do cinema negro

Utilizar filmes em sala de aula requer do professor conhecer e distinguir algumas abordagens e tratamentos dados às fontes. Requer dele a preocupação de recriar, avaliar e reconstruir metodologias para situações de ensino-aprendizagem. Para que possamos entender melhor o processo de implantação

da Lei 10.639/2003 é necessário buscar seus fundamentos nas transformações da sociedade brasileira e também, no processo produtivo do cinema nacional.

Desta forma, apontamos para as profundas transformações e rápidos avanços no sentido econômico, social, político e tecnológico, a escola precisa agilizar a sua caminhada para que a educação acompanhe esse permanente processo de transformação. Para a escola estar inserida e articulada ao contexto social é preciso pensar em uma educação dinâmica, humanística, formativa e acima de tudo, democrática. Ela não é a única responsável pela justiça social, mas precisa através de um trabalho educativo eficaz e coerente amenizar as desigualdades e preconceitos existentes.

A experiência de um educador leva a enfatizar a necessidade de uma reflexão sobre a prática pedagógica para o ensino eficaz, atraente, curioso, abrangente e capaz de instrumentalizar o aluno para a compreensão das profundas transformações recentes, sem esquecer de que o mundo atual é o resultado de um longo e contraditório processo histórico. Partindo dessa abordagem podemos considerar que os conteúdos sejam trabalhados, de forma contextualizada com o seu momento histórico e relacionados com o momento atual.

Cabe aos professores, tanto universitários quanto do ensino básico realizar em conjunto com os alunos uma leitura crítica de produções cinematográficas, distinguindo contextos, funções, estilos, argumentos, pontos de vista, intencionalidades. Assim, além de terem a oportunidade de obter e organizar informações diretamente dos filmes podem aprender a obter informações, de modo crítico, acerca das representações do negro na sociedade e sua construção ao longo da história brasileira.

Desta maneira, o uso de filmes, torna o processo ensino – aprendizagem, mais criativo e quebra com a ideia que o trabalho com o cinema apresenta-se como mera ilustração ou entretenimento, mas estabelece possibilidade do aluno construir suas semelhanças e diferenças abrindo um novo horizonte sobre a África e suas contribuições para a formação da identidade brasileira. As atividades desenvolvidas podem ajudar a construir inferências e a rever representações já existentes, ver no cinema além da distração, encontrar nele o conhecimento.

No cinema, as reações do indivíduo, constituem a reação coletiva do público que são condicionadas pelo caráter coletivo dessa reação. Daí a importância de se estudar o Cinema Negro e perceber as intenções presentes nessas películas.

Para Benjamin (1985), uma das funções sociais mais importantes do cinema é criar um equilíbrio entre o homem e o aparelho, pela forma como ele representa o mundo, graças a esse aparelho, o cinema faz-nos vislumbrar, por um lado, os mil condicionamentos que determinam nossa existência e por outro assegura-nos um espaço de liberdade. A câmera intervém com seus inúmeros recursos auxiliares, suas imersões e emersões, suas interrupções e seus isolamentos, suas extensões e suas acelerações, suas ampliações e suas miniaturizações.

Conclusões

Como uma proposta a ser implementada, os dados auferidos até o presente sinalizam para um avanço quanto à compreensão dos processos educacionais vividos no âmbito do cotidiano escolar. Os encaminhamentos e usos de filmes, aqui brevemente apresentados, visam sensibilizar a comunidade escolar, em especial os docentes e gestores para a importância de se utilizar novas fontes como base

para se compreender a luta do negro no Brasil contra os preconceitos em uma sociedade que não admite a existência de preconceitos. É preciso evidenciar o potencial das produções cinematográficas como fontes para um eixo temático importante de trabalho na escola, contribuindo para um ensino mais significativo e potencialmente mais interessante para os alunos, e para o diálogo mais efetivo com a comunidade.

Bibliografia:

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7. Ed – São Paulo: Brasiliense, 1994 – (Obras escolhidas).

CASTILHO, Sueli Dulce, PASSOS, Luiz Augusto, PRUDENTE, Celso Luiz. Griot do morro: reflexões para o discernimento da construção da imagem positiva do negro. (In) PRUDENTE, Celso Luiz. **Cinema Negro: Algumas contribuições reflexivas para a compreensão da questão do afrodescendente na dinâmica sociocultural da imagem**. São Paulo. Coleção Celso Prudente Africanidade, v.4 Editora Fiuza, 2011.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Porto: Ed. Cadernos para o diálogo, 1971.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo. Editora UNESP, 2001.

DE, Jeferson. – São Paulo: **Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Cultura-Fundação Padre Anchieta**, 005. p.: il. – (Coleção aplauso. Série cinema Brasil / coordenador geral Rubens Ewald Filho).

DIRETRIZES Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília – DF, outubro 2004.

PIMENTA, Selma Garrido, ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

PRUDENTE, Celso Luiz. **Mãos negras: antropologia da arte negra**. São Paulo. Editora Panorama, 2002, p. 35-42.

_____. Cinema negro: aspecto de uma arte para uma afirmação ontológica do negro brasileiro, (In) **Revista Palmares**, Ano 1, n 1, Ministério da Cultura, Brasília 2005.

_____. **Tambores negros: antropologia da estética da arte negra dos tambores sagrados dos meninos do Morumbi: pedagogia afro**. São Paulo: Editora Fiuza, 2011.

_____. **A dimensão pedagógica da alegoria carnavalesca no cinema negro enquanto arte de afirmação ontológica da africanidade: pontos para um diálogo com Merleau –Ponty**. (In) **Revista de Educação Pública** – v. 23, n.50. EdUFMT, 2014.

RODAS, João Grandino e PRUDENTE, Celso Luiz. **Reflexões para o discernimento do estereótipo e a imagem do negro**. (In) **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo - USP**, v. 104, 2009, (janeiro-dezembro), p. 499-506.

SARTRE, Jean-Paul. **Reflexões sobre o racismo**. Tradutor J. Guinsburg. 2. ed. São Paulo: Ed. Difusão Européia do Livro, 1960. p.105.

[Intermidias.blogspot.com.br/2007/07/o-cinema-de-guy-debord-de-giorgio.html](http://intermidias.blogspot.com.br/2007/07/o-cinema-de-guy-debord-de-giorgio.html). Em 14/04/2014.

<http://www.infoescola.com/cinema/chanchada/>. EM 15/09/2014

<http://www.almanaquebrasil.com.br/voce-sabia/chanchada/>. EM 15/09/2014

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Chanchada>. EM 15/09/2014

http://negromidiaeducacao.xpg.uol.com.br/negro_e_o_cinema.htm. Em 17/09/2014

http://negromidiaeducacao.xpg.uol.com.br/representacoes_negro.htm. Em 17/09/2014.